

Um quadro a ser pintado

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Se arrastou no "levá" o corpo,
bem no cruzar da cancela,
saiu coiceando "os cachorro",
berrando de toda goela...

Um bagual baio sestroso,
de procedência malino,
malicioso em cada salto,
veíaco por seu destino.

O domador tarimbeiro,
dos que nunca facilita,
por duvidar do improvável,
bem mais em si acredita.

O cordiriu garantido,
rédea chata e cincha forte,
e um rebenque assoviador
mais brabo que o vento norte...

O basto, quatro cabeças,
pelego branco lanudo,
ferrava o trono do taura
que era taura e garronado.

Quebrado nas duas pontas,
um chapéu preto, aba dura...
E um tirador de "vaqueta"
bem atado na cintura.

Esporas de ferro osco,
rosetas com dente gasto...
Maneador a bate-cola
já com uma ponta de arrasto...

Buçal com cabresto largo
e a pescoceira torcida,
maneira de couro grosso
sovada aos coices da lida.

Bota com o cano dobrado,
um do outro, desparelho,
a bombacha arremangada
um pouco abaixo dos joelhos.

O sol queimando nos ombros
pelo mormaço da tarde,
mesclando o sal do suor
com a polvadeira que encarde.

No mangueirão do rodeio,
santuário de tantos ritos,
um domeiro e um bagual baio
são rimas pra um verso escrito.

Porém o que eu mais queria,
que além dessa inspiração,
alguém pintasse esse quadro
com as cores do meu rincão.

Lá d'onde eu venho

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Eu venho d'aonde o vento assovia na crina dos potros
que correm libertos nas imensidões dos banhadais...
E os domadores são homens que fazem tropilhas pra os outros,
que aos gritos de forma, empeçam a lida palmeando buçais...

Eu venho d'aonde o cantar das esporas ainda ressona
no embalo do trote, que leva o campeiro pra o seu compromisso,
e o rangido do basto é um sentimento apertando a carona,
sabendo que a vida, do peão de estância, se alimenta disso.

De lá de onde eu venho, eu trago a certeza que a gente é capaz
de parar o tempo por algum instante e ver de olhos fechados...
Podendo sentir que o campo é um regalo que tão bem nos faz,
escutando ao longe, murmúrios de sangas e berro de gado.

Eu venho d'aonde o aperto da cincha garante o sustento
de quem alça a perna, firmando nos loros a obrigação
de escorar o tranco, qual um laço forte que em cada tento,
forceja parelho, unindo suas forças pra aguentá o tirão.

Eu venho d'aonde os calos das mãos e as rugas do rosto
são marca e sinal, daqueles que enfrentam mormaços e geadas...
Com pilchas e garras judiadas da lida que é feita com gosto,
quando assim lhe toca, recorrer o fundo de uma invernada.

Eu venho d'aonde o mensal é um soldado disposto ao combate,
servidor da pátria, que mete o cavalo junto do fiador...
E encerra o dia com o pingo lavado e roda de mate,
recontando os feitos de um rodeio grande n'algum parador.

De lá de onde eu venho, eu trago o aroma dos galpões de encilha...
Estalar de brasas, cambona chiando e o fogo graúdo...
Onde o mundo grande se pára pequeno num rádio de pilha,
Pra amansar a vida, quando alguém de longe nos manda um saludo.

Do meu rincão

(Anomar Danúbio Vieira/André Teixeira)

Penca de potro e marcação porteira a fora,
um par de galgos pra correr lebre aos domingos.
Atar o cacho lá onde a china prende o grampo
sempre que o campo pede a tarefa dos pingos.

Cuidar a lua pra iniciar um bagual de freio,
compor o arreio pra não pisar o cavalo,
a “cruza” boa pra “bandeá” o gado no passo,
cimbrar o laço e “aguentá” o tirão do pealo.

Saltar bem cedo pra matear ao redor do fogo
antes que a lida peça vaza na fronteira,
- que o reio brabo e a espora vão sempre alerta -
e a volta certa da velha tava “culera”.

São nessas coisas crioulas do meu rincão
que a tradição tranca o garrão e se garante
e acha quem cante, com sotaque regional,
para tornar universal nosso Rio Grande!

Saber das manhas do tempo e das mangas d'água
quando se arma pra os lados do chovedor.
Dar um saludo mesmo pra quem não conhece
quando se passa um vivente no corredor.

Pular de em pêlo pra manguear a cavalhada,
quebrando geada na manhãzita de inverno.
Levar o pago refletido no semblante
qual um palanque que se sustenta no cerno.

Chapéu tapeado, tirador, bota e bombacha,
pilcha gaúcha, que é de festa e de serviço,
e o mesmo pala que vai ao ombro dobrado
desce pra o braço e escora o que for preciso.

O silêncio e a campereada

(Sérgio Carvalho Pereira/André Teixeira/Ricardo Comassetto)

Recorro campo sozinho,
nem “carculo” a quanto tempo.
Quando em quando um assoviozinho
se vai perdido no vento.

Quietude nestas jornadas
e a alma não se machuca.
As vozes das invernadas,
sem silêncio, não se escuta.

O arroio canta pra pedra,
pra noite o grilo *nochero*,
o arado fala com a verga
e a estrela com o caborteiro.

Campo tem voz de porteira,
de retoço da manada,
tem vento que chama poeira
e o mormaço, a manga d'água.

Chuva no poço da sanga,
rufar de pala de seda.
Canta o sabiá pra pitanga
e o angico pra labareda.

É lindo o ranger do arreio
no escurão da noite cega
e o vento sul de floreios
no encordoado das macegas.

Quieto, cruzando o potreiro,
quando a manhã se perfila,
passo escutando o barreiro
saudando um rancho de argila.

Guabiju!... Ariticum!...
Range o rodado e se foi...
A voz do homem comum
é o tempo chamando o boi.

Tropel em várzea encharcada,
mareta beijando a taipa.
Na aragem da madrugada
cruza um sussurro de gaita.

Com esse assovio antigo
e os cascos sonando o pasto,
meu mundo fala comigo
pelos fundões donde eu passo.

Não pense que eu sou sozinho...
Que são tristes os dias meus...
Ouço juras e carinhos
desses campos de meu Deus.

Recorro os campos solito,
nem “carculo” há quanto tempo.
Quando em quando um assoviozito
se vai perdido no vento.

Quietude nestas jornadas
e a alma não se machuca.
As vozes das invernadas,
sem silêncio, não se escuta.

Peão do posto e chamarrita

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Venho assoviando uma coplita,
que se desprende da minha alma...
Ao trote manso, na noite calma,
quisera eu ser chamarrita.

Tenho uma dama que está distante,
ficou nas casas cuidando o ninho...
Eu saltei cedo e abri caminhos
com uma tropilha de égua por diante.

Rompeu o dia quando cruzei
o passo largo do arroio fundo...
O sol já vinha clareando o mundo
que era outro quando encilhei.

E a chamarrita do assovio,
que não me deixa andar solito,
antes que eu desse o primeiro grito,
disse: "Até a volta!"... e depois sumiu.

Da estância velha, sou peão do posto,
bebo o sereno do banhada...
Que eu reconheço, por ser "mensual",
e o que me toca, faço com gosto.

Vou levantando com a manhãzita,
junto ao floreio que sai da goela,
gado, rebanho e algo dela,
que eu deixe junto com a chamarrita.

No que não tenho, tenho pensado,
se me faz falta, ou não preciso,
já que a fortuna daquele riso
sempre me traz de chapéu tapeado.

E quando a lida chegar ao fim
com a mesma copla bem assoviada,
volto no rastro da madrugada
e a chamarrita canta pra mim.

Tropilha adiante, trote "chasqueiro",
arreio frouxo, serviço pronto.
Saudade dela me deixa tonto,
e o que eu mais quero é chegar ligeiro.

Sou peão do posto, sei que é bendita
a minha sina que tanto prezo.
Aperto a cincha, pra Deus eu rezo...
E pra minha prenda, uma chamarrita.

Nos braços da madrugada

(Edilberto Teixeira/André Teixeira)

Num baita trago saiu da venda
campeando a sorte numa outra olada.
Da boa pinga, com a lã molhada,
perdeu no pasto toda a encomenda.

E via estrelas,
e via o céu,
sentindo a geada
que pela estrada
cai de boléo.

Chegou na estância naquele tranco,
sem oh-de-casa, de madrugada.
E a lua cheia, no céu parada,
pisava as pedras do pátio branco.

Campeando a pipa,
foi na ramada...
Bebeu um bocado
e soltou o bragado
de cola atada.

E a noite fria, de lichiguana,
morreu nos braços da madrugada...
Quando a doninha, tão preocupada,
abriu os pelegos da sua cama.

E a noite fria,
numa tarimba,
não acha o sono
nesse abandono
daquela timba.

E ali nomais se encheu de lua
quem tinha a alma encarangada...
Melhor que um pala de lã cardada
é o aconchego de uma chirua!

Nem via estrelas,
nem via o céu,
nem via a geada
que pela estrada
cai de boléo.

João Facão

(Rogério Villagran/André Teixeira)

João Facão palmeia o cabo
dum tramontina três listas,
que até parece um pincel
sob o manejo do artista.

Reboleando com destreza,
num jogo, troca de mão;
e dum jeito debochado,
arrasta a ponta no chão.

João Facão - gato do mato -
não pisca e nem erra o pulo,
tão pouco tenteia a sorte
com tava feita pra culo.

Mas quando Deus se distrai,
brinca com as coisas do diabo
e no miolo do rodeio
escarva igual touro brabo.

João Facão destapa a cara
tombando o chapéu na nuca,
pra "inxergá" o mundo na volta
e aonde senta a mutuca.

Pisa "liviano" no chão,
espera o golpe do outro,
qual tirasse o corpo fora
do manotaço dum potro.

Na redondeza é falado,
tem fama em toda a fronteira,
por bochinchar nas bailantas
e comércios de carreira.

João Facão boleia a anca
e escora o que vem por cima.
Rebate ferro com ferro
com maestria na esgrima.

João Facão, quando atropela,
dita as regras do namoro...
Às deva, é de quina viva.
Às brincas, larga de estouro.

Porém sabe que a coragem,
por fraqueza, se anuncia,
se o medo for traiçoeiro
e a força for covardia.

João Facão - história antiga -
por justiça ou diversão,
peleava com a própria vida
no fundo de algum rincão.

Viveu no tempo em que o homem,
sem fibra, não era aceito;
E mais que ser peleador,
morria pelo respeito.

Querência, somos iguais!

(Gujo Teixeira/André Teixeira)

Meu rumo é o mesmo que o teu
- querência, somos iguais -
sou terra, sou descendência
do gen que herdei dos meus pais.
Tenho nas minhas verdades
muito de campo e de verde...
Se às vezes vou rio a fora,
às vezes morro de sede!

Igual a ti, me transponho
mas reconheço o espaço
que a vida riscou num mapa
pra dar limite ao que faço...
Não sou terra desmedida
tampouco, fundo de campo
sou várzea e caraguatá...
Talvez igual a outros tantos!

Aprendi muito com a terra...
- que nunca conta mentiras -
Que há de se pôr verdades
no lugar de onde se tira !
Pois quem passa a vida inteira
com vontade de ter asas
um dia pode ser tarde
pra querer voltar pra casa...

Por isso que tenho em mim
miles de rumos pra ir...
E já não canso o cavalo
com a intenção de partir...
Apenas cuido meu mundo
pequeno, mas todo meu!
Que vai, da minha saudade
ao rumo que Deus me deu!

Quantos sonhos se extraviaram
- até que um dia entendi -
que a querência, era o rumo
que um dia quase perdi...
Luzeiro de brilho raro
que alumbra tudo o que vi...
Quanto mais eu sou querência
mais eu retorno pra ti...

Querência, somos iguais
temos instinto de terra.
Tudo que em mim se inicia
é em ti que se encerra.
Somos feitos de silêncios,
quase da mesma matéria.
Teu campo, meu corpo inteiro.
Tuas sangas, minhas artérias...

Manhã de rodeio

(Edilberto Teixeira/André Teixeira)

Com a palha e em cima os gravetos
o fogo amanheceu armado
e, num upa, com os tocos secos
o galpão ficou iluminado.

Nesta manhã querendona
os galos chamaram os peões
pra conversar com a cambona
bem recostada aos tições.

Depressa formou-se a roda
dos tomadores de mate
e os pitos de fumo-em-corda
com a cuia o tempo reparte.

Do sangrador já se escuta
o moqueio das chamas tontas,
frigindo os nervos da nuca
e as duas ripas das pontas.

Com a erva usada e a água morna
e o assado que não tem mais...
Os cavalos, todos na forma,
dão a orelha pra os seus buçais.

Um peão destorce as rodilhas
de um laço que não tem dono,
e um outro desapresilha
o cabresto do cinamomo.

O capataz pegou o grito:
“-Minha gente, bamo s’imbora!”
Ficando ali um peão solito
maneando os tentos da espora.

Se foram... esporas cantando
o canto das suas rosetas
e a cuscada ía pulando
no freio de um sotreta.

Ficou só, pulseando as vacas
o peão caseiro da estância
e o sereno molhando as patas
da alvorada que vem mansa.

Na porteira da invernada
se esparrama toda a escolta.
Mate amargo, carne assada,
café bem doce na volta!

“Êêêra vaca!... ibahahá!...”
- Grita forte a peonada -
“Pega-pega humaitá!...”
- Que o sol já vem na canhada -

O gado vai levantando
com esta radiosa manhã
e, aos poucos, vai se fechando
o rodeio da Tarumã.

“Al compás de la vigüela”

(André Oliveira/André Teixeira)

Quando atiro as potreadoras
nas patas de uma milonga,
sinto a pampa que ressonga
“en las riendas domadoras”.
Minha alma campeadora
rebenta sogas e amarras
pra gavionar nas guitarras
entre primas e bordões.
Saudando rancho e galpões,
solando o choro das garras.

Vibram cordas e gargantas
“al compás de la vigüela”.
Ruflam “flecós y espuelas”
porque o campo se agranda.
Há uma raça que levanta
um brado em contrapunto.
Três pátrias gorgem junto
tramadas em dois idiomas
nos pedestais das pajonas
templando os mesmos assuntos.

Milonga, oração platina
das Reduções Jesuítas,
ponteada em cordas de tripa
entre rabecas de crina
nos puebleros da Argentina.
No Rio Grande ancestral,
“en la vieja Banda Oriental”.
Da Colônia do Sacramento,
dos fogões de acampamento
sobre o poncho do chircal.

Milonga, sereno acalanto
das violas e das almas.
É rio que singra na calma
nas veias deste meu canto.
Canção que espanta o pranto
e aguça a fúria do instinto.
É toda a força que sinto
pois vem do ventre da terra,
rebrotando em primaveras
com o sangue de Trinta e Cinco.

Cantilena dos sinuelos
que alargaram as distâncias.
É a lida das estâncias
cantada em voz de cincerro.
“Es pontezuela y pañuelo”
talareando com o pala...
E jamais se embuçala
esta cantiga machaça
porque o pampa perde a graça
se uma milonga se cala.

Caminhador

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Venho de longe e pra onde vou, faltam distâncias,
por isso estendo meu mouro pampa no corredor...
Poeira e sereno, noites e dias, sons e fragrâncias,
que me sustentam dono de mim e caminhador...

Quando a madrinha bate o cincerro puxando a frente
as minhas esporas cantam suas coplas junto ao sonido
que se levanta marcando o passo, fazendo a gente
viver, por gosto, coisas de um tempo ainda não vivido...

Com a minha tropilha trago "entabladas" tantas saudades,
deixo pra trás o que não serve pra os meus arreios...
Largos caminhos só me aproximam das minhas vontades,
pois o que fica não se questiona por que não veio!

De cruzar caminhos me aquerenciei nestas lonjuras,
tenho um rancho na alma que abriga o que é meu por onde for...
Não vou descansar enquanto o sentido da minha procura,
mandar na razão de eu ser o que sou... e caminhador!

Deus me acompanha nestas cruzadas mostrando o rumo,
tenho a minha fé, sigo por ela pois acredito
que não preciso buscar atalhos pra achar o prumo,
e nem tão pouco sentir receio de andar solito.

Porque a verdade que o coração bota pra fora,
quando alma adentro pulsa uma gana de ser liberto,
mostra a certeza que estou chegando e, não indo embora,
e diz aos meus que eu ando longe, mas estou perto.

Mas quando um dia os meus anseios forem potreados,
e eu encontrar pasto e aguada pra o que desejo,
vou sombrear o riso d'uma morena do meu agrado,
pra que o mundo saiba que apenas por ela eu serei andejo.

Assoviando a quero-mana

(Guilherme Collares/André Teixeira)

E eu vinha chamando a ponta,
assoviando a quero-mana...

O boi tranqueia olfateando
a cola do meu tordilho...
Com quatro dias de tropa,
segue até onde desencilho.

Me toca um quarto de ronda
e eu só lembro da fulana...
E não me sai do assovio
essa mesma quero-mana.

Se o mundo desaba eu tenho,
bem sentado no lombilho,
meu poncho azul contra a chuva
e as confiança no tordilho.

Meu sombrero, flor de abobra,
desabado contra o vento
protege o meu assovio,
e a quero-mana eu sustento.

Ao tranco, a noite na ronda,
a gadaria reclama,
lembrando a minha saudade
que se esvai da quero-mana.

Já não me sai da memória
a canção em que ela chama...
Nem sei bem se ela me quer,
mas não esqueço a fulana.

E amanhã, de manhã cedo...
eu sigo a mesma proclama...
E chamo a ponta assoviando
essa mesma quero-mana!

Peregrino e cruzador

(Rafael Machado/André Teixeira)

Tinha uns *verso* pelo meio
cuja *primera* intenção
era riscar de violão,
fazê-los sonoridade,
Mas pra falar a verdade
- tirando aquelas por farra -
minhas noções de guitarra
também são pela metade!

Tastaviando sobre os trastes
acomodei melodia;
uma milonga macia
sem invenções no compasso!
Pra recheiar seus espaços
tive a ideia - desvario:
- me desdobro em assovio
se acaso me faltar braço.

Penso e pensando não vejo
como descobrir aonde
é que esse velho desejo
de correr mundo se'esconde...

Sempre que a noite morena
acende suas estrelas,
não posso conter-me apenas
à admirá-las, à vê-las...

As quero mais perto - belas -
vindo comigo em reponte
para luzirem com aquela
que o meu pinga traz na frente!

Já tive dona - carinhos...
Já tive rancho - morada...
Larguei tudo pra sozinho,
embriagar-me de estrada!

Se igualam os meus costumes
aos que Martin Fierro tinha:
- no pinho desperto ciúmes,
não faço feio na rinha.

Pareço ter na garganta
força maior do que a minha
e outro cantor não canta
quando improvisado em dez linhas!

D'onde venho não esqueço,
pra onde vou só Deus sabe;
quanto ao todo que me cabe
não me cabe botar preço!
Exatidão de endereço?
- Não pra o índio que caminha!
- Limites? Nem mesmo a linha
que o horizonte reparte!
- Posso estar em qualquer parte,
afinal a terra é minha!

Ou eu me amanso algum dia
na ilhapa da trajetória
e tod'as balda - mania
que tenho virão memória.

Ou levo pra o cemitério
- conforme disse o cantor -
esse destino gaudério,
peregrino e cruzador.

No tranco do Mutim

(Eliezer Dias de Sousa/André Teixeira)

Vou sacudindo a ossamenta
no balanço do Mutim,
num rancho chão de cupim
nesse rincão missioneiro...
E a fumaça do candieiro
vai adentrando na venta,
e a cordeona se sustenta
abrindo e fechando o fole,
sonidos que a noite engole
sob a lua sonolenta.

Don Adalberto abre a gaita
como um sagrado responso,
vem do rincão mais esconso
riscado de japecanga.
O meu canto se arremanga
lavando a alma num verso.
Mundo xucro, céu disperso
que se enreda na emoção,
na harmoniosa comunhão
dentro do meu universo.

Ilheira e baixo conversam
no mesmo vocabulário,
configurando o sacrário
do missal do rancherio.
Um lampião treme o pavio
do vento que vem da porta,
na imagem que se recorta
de quem baila e se sacode,
entra e se sai como pode
porque o resto pouco importa.

Se eleva o pó na bailanta,
se agoa e segue de novo.
É costume do meu povo
o baile, dança, entreveiro...
Gaita, violão e pandeiro
que diverte e acostuma,
sem diferença nenhuma
do sarau mais requintado,
nesse ronco abarbarado
que alma inteira perfuma.

O rancho se enche de luz
- vaneira de pontesuela -
Da gaita escapa uma estrela
alumiando todo o rincão.
O céu vem morar no chão
em celeste forma divina
que enternece, que ilumina
como deusa e o paraíso,
transparecido em um sorriso
nos lábios de alguma china.

Uma cordeona se abrindo,
de campo inteira se veste.
Capão de mato celeste,
segredo puro do embalo.
É como um canto do galo
na minha querência reiuna.
Nem o vivaz mais turuna
não sabe a importância exata...
A gaita, mais que ouro e prata,
na terra é a maior fortuna.

A linha da minha mão

(Sérgio Carvalho Pereira/André Teixeira)

Aqui no povo, faz anos,
na beira do ranchario,
sobre um potreiro vazio
se armou um toldo de ciganos.
Eu, rapazote aragano,
sem prata e sem benção,
estendi a minha mão
pra sorte me fazer planos.

Depois me fui pra campanha,
onde meu pai era peão
e estendi a mesma mão
pro arreo que me acompanha.

Queimei o couro da palma
a pealos sem tirador.
Engrossei a pele d'alma
nos cabos de arreador.
Perdi o desenho de volta
nas voltas do maneador
e o "M" da mão canhota
tironeando sentador.

Curei das mãos as feridas
nos barros de corredor.
Borrei a linha da vida
com tinta de sangrador.

Tirei moirão pra alambrado,
ferrei roda de carreta,
senti o coice do arado
e o coice de algum sotreta.
Diz que a vida na campanha
parece cruzar mais lenta,
mas até moirão de angico
um dia o tempo arrebenta.

Peguei na mão do meu pai,
quando meu velho partiu.
Vi um caminho apagando
como secura de rio.
A espinho, barro e farpado,
linha da vida sumiu.
Como é fácil ler a sorte
de um guri do ranchario !

Ela pegou minha mão,
Disse: Campeiro! ...E sorriu.
Cigana pegou as moedas,
Disse: Campeiro! ...E sumiu.

Depois me fui pra campanha,
onde meu pai era peão
e estendi a mesma mão
pro arreo que me acompanha.

Monumento

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Peço licença pra este canto galponeiro,
que estropiado do asfalto da cidade,
se “empotreizou” num arrabalde “povoeiro”,
e da campanha, se adelgaça de saudade.

Peço licença pra que ele seja escutado,
n’algum galpão duma estância macharrona,
na sintonia de algum rádio enfumaçado,
que se abaguala mesclando chiar de cambona.

Canto de pátria, destapado no atropelo,
do “semaneiro” que reponta a recolhida,
buscando a volta, num “piqueteiro”, d’em pêlo,
trazendo a grito a cavalhada pra lida.

Tantas imagens que a minha querência pinta,
e se eternizam na goela dos cantadores,
são mais gaúchas se um peão de estância requinta,
e também canta, balanceando nos fiadores...

História antiga rabiscada com as rosetas,
dos que ainda arrastam esporas por estes fundos,
e não aceitam que a evolução se intrometa,
mudando o canto mais genuíno do mundo.

Por isso eu venho, senhores, pedir licença,
e pra dizer que eu “tô” de garrão trancado
pela defesa da verdade desta crença,
que me garante cantar de chapéu tapeado.

Que o meu Rio Grande, que tem tradição na estampa,
seja crioulo pra o resto da eternidade.
Seja o gaúcho, um monumento da pampa,
que o resto eu canto sem perder a identidade.

Caminho de sempre

(Francisco Brasil/André Teixeira)

O sol se põe de'a pouquito
de trás da porteira velha
do mataburro quebrado.
E o campeiro, num tostado,
tranco e tranco, retornando...
vai contente e vai charlando
com seu perrito tigrado.

Veza em quando, garra um trote...
Chacoalha o laço nos tentos
e os bastos ringem - pois não! -
Cruza por cerro e lagoão,
costa de mato e banhado...
onde a garça segue o gado,
que nem lhe põe atenção.

Co'estes fundos recorridos,
- pondo o olho em vaca fraca,
bombeando o arame e contando... -
fecha um cigarro, voltando.
Bom fumo Ramo de Ouro,
que vale mais que um tesouro
pra'ó que se aquece pitando!

Capinchos mansos no passo,
lebre arisca que dispara,
sorro ladino gritando...
Em seu rumo, serpenteando,
as vezes some em descidas,
e quando sobe, em seguida,
vai contra o céu repechando.

Já vai seco por um mate...
E no galpão, pela hora,
(e pelo frio!) não se engana:
queima um restito de trama
que repartia um potreiro.
Ultima ajuda aos campeiros
da divisa veterana.

Como pode este caminho
- este caminho de sempre -
estar sempre mais bonito?
Pedras rodeando um cerrito...
Velho açude feito a boi...
Tudo que o pago já foi
ficou aqui... infinito!